
António Torrado

diz que

estamos a viver num mundo de letras

Este escritor nasceu e cresceu em Lisboa, mas também aprendeu muitas coisas na terra dos avós, Castelo Branco, onde, de dia, gostava de observar e brincar com alguns animais (galinhas, perus, gansos...), e ao serão se deliciava com as histórias que as tias lhe contavam. Mais tarde passou ele a inventar contos, peças de teatro, poemas... e hoje tem centenas de histórias escritas – muitas delas foram publicadas em livros e outras estão disponíveis on-line, no site [História do Dia](#).

Quando começou a gostar de ler?
Que memórias de infância tem ligadas à literatura?

Comecei a gostar de ler quando comecei a aprender a ler, embora o livro que tive de cartilha para iniciação à leitura fosse um livro muito aborrecido... Mas assim que aprendemos a ler, começamos a ler tudo: «Cuidado com o cão», «Pare, escute e olhe», o nome das lojas... Só essa descoberta de que todo o mundo tinha uma legenda, para mim, foi extraordinária, visto que até aí não sabia que as letras às vezes serviam para dizer o que é óbvio. Por exemplo: eu já sabia que havia uma retrosaria com o nome da senhora Gomes, e vi «Retrosaria Gomes». Isso já eu sabia, já tinha ouvido dizer que a senhora Gomes estava ao balcão da retrosaria; que novidade é isto de ler? Mas enfim, depois comecei a ler outras coisas, nomeadamente revistas infantis, que é uma coisa que entretanto desapareceu – aos sábados e às quartas-feiras havia a *Cavaleiro Andante* (etc.).



Pedro Macedo - Framed Photos

.....

Eram dirigidas por um senhor que muito mais tarde vim a conhecer, um nome muito importante da literatura para os mais novos, chamado Adolfo Simões Müller. Eram revistas de quadrinhos, com banda desenhada, mas aí conheci pela primeira vez o *Tintin*. O *Tintin*, que foi agora apresentado em cinema e que foi já apresentado em desenhos de animação, nasceu nessas revistas. Depois, porque tive a felicidade de ter pais e tios que me davam livros e livrinhos, fui lendo e ganhando o gosto pela própria escolha, por ter a capacidade de escolha, ao ponto de um dia ir a uma biblioteca! Atrevi-me, mas a experiência não foi lá muito interessante. Era a biblioteca de um centro social ou sociedade promotora de educação popular, que tinha uns bilhares, umas mesas de pingue-pongue e lá ao fundo havia uma biblioteca. Fui lá, atrevi-me e entrei, o ambiente era um bocado pesado, pois não tinha muita luz, não havia ninguém a ler e estava uma senhora de bata preta a fazer tricô (naquela altura havia muitas batas pretas, por exemplo nos correios, ou nos senhores que guardavam os chapéus de chuva no cinema...). A senhora de bata preta olhou para mim com os óculos na ponta do nariz e perguntou: «O que é que quer?». Eu disse: «Vinha por um livro, gostava de levar um livro...», e ela, indiferente, continuando a fazer tricô, respondeu: «Aqui não há livros para si!» Mandou-me pela porta fora, era uma maneira de dizer «vá-se embora, não apareça»... Ora veja o que há de diferente na promoção da leitura desse tempo para agora; agora já não há senhoras de bata preta nas bibliotecas das escolas a dizerem aos meninos «Vão-se embora que aqui não há livros para vocês!» Antes pelo contrário, há a vontade de atrair à leitura público que dela está alheado, e só aí eu vejo a grande diferença do meu tempo de criança para as oportunidades imensas que as crianças agora têm; há que aproveitá-las. Nós, os mais velhos, quase temos inveja (o que é um sentimento muito feio) dos mais novos que agora têm livros à vontade, que podem escolher e que não estão guardados atrás de vidros, vitrines e portas com gradeamentos a impedir o acesso direto... Aproveitem! Leiam, leiam, leiam, porque estão a ler para vocês e estão a ler aquilo que nós no nosso tempo de criança não tivemos oportunidade de ler.

Que profissões quis ter quando era pequeno?

Tudo! Só cosmonauta é que não, porque ainda não havia essa prática. Ainda hoje me abismo que isso tenha acontecido, que já se tenha chegado à Lua e que vários homens já a tenham pisado, mas naquele tempo as viagens que me podiam exaltar mais seriam as dos pilotos de aviação – era uma das coisas que nessa altura gostava de ser. Gostava de ser tudo porque era uma criança imaginativa – como aquela frase (que não sei a quem hei de atribuir): «Se queres conhecer o mundo, fecha os olhos» ou «Se queres que os teus desejos aconteçam, fecha os olhos». A maioria das vezes é uma ilusão: agora quero ir a Veneza; fecho os olhos e lá estou eu no Grand Canal... O gosto da viagem fez com que eu imaginasse nessa altura poder ter qualquer atividade ligada ao nomadismo: ser piloto de aviação, capitão de um navio, coisas assim... Não vim a ser nada disso, mas também não estou desgostoso por aquilo que fui, porque escolhi eu. Quer dizer, não fui escolhido para ser escritor – «Agora tu vais sentar-te a essa secretária e comesas aí a escrever histórias!» Não, foi um lento processo de crescimento, descoberta e prazer acrescido que me fez ser o que sou agora, escritor, e não ter pudor em dizê-lo. Houve uma altura, por exemplo, em que quando entrava num hotel e tinha de preencher uma ficha sentia um certo embaraço... Também fui editor, produtor da RTP (chefe do departamento de programação infantil e juvenil), professor, diretor de uma escola, etc., e escrevia sempre nas fichas essas outras profissões, mas a certa altura disse: «O que eu sou realmente, aquilo que marca a minha vida e é decisivo na minha carreira de pessoa são os livros que publiquei.» Então passei a assumir que era escritor.

Porque é que tem tantas histórias sobre animais?

Há tempos uma senhora fez uma tese de mestrado sobre mim, leu muitos livros meus e as histórias da *História do Dia* e veio com uma pergunta mais ou menos semelhante, que me deixou muito, muito embaraçado: «Porque é que tem tantas histórias com galinhas?» Agora pergunta-me com animais... Um dos meus avôs tinha uma quintinha onde havia um grande galinheiro e entretinha-me muito, quando estava em casa dos meus avós, a ver aquela «humanidade», aquele mundo do galinheiro e os jogos de poder; os patos a passarem com um ar sempre otimista – eu adoro patos; os galinhos da Índia, muito pequeninos, mas muito direitos, com ar de capitão de cavalaria, a tropeçarem nos próprios pés; os perus com um ar um bocado melancólico; os gansos... A ver aquele universo que era um grande galinheiro entretinha-me como se estivesse a ser observador daquelas criaturas todas, psicólogo daquela sociedade de penas. Acho que sim, que transpus para aquilo que escrevo muito dessa minha recordação de infância. As recordações de infância são muito estimulantes; aí é que podia recomendar aos mais novos: façam por não se esquecerem de muita coisa, porque vão, mais tarde, ter oportunidade de tirar partido dela! No meu caso, tive oportunidade de conhecer a província (nasci em Lisboa, mas a minha família é toda de Castelo Branco e de Monforte da Beira), nomeadamente na época natalícia, no verão, e os serões da província. Ainda não havia televisão e as pessoas reuniam-se à volta de uma braseira (no inverno) e contavam histórias. As minhas tias contavam adivinhas, lengas-lengas... Nós, os mais novinhos, ouvíamos e íamos até decorando: «Una, duna, treno, catrena, cigalha, migalha, catrapis, catrapés, conta bem até dez»;

«Eram doze moças donzelas
todas forradas de bronze:
deu o tranglomango nelas,
não ficaram senão onze.
Dessas onze que elas eram
foram a lavar os pés:
deu o tranglomango nelas,
não ficaram senão dez.
Dessas dez que elas eram
foram cavar uma cova:
deu o tranglomango nelas,
não ficaram senão nove.»

E por aí fora, até acabar a geração! Ora, estas toadilhas, cadências infantis e histórias do tradicional, como a «História da Carochinha» e d'«O macaco do rabo cortado», ouvi-as primeiro e voltei a ouvi-las anos a fio pela voz das minhas tias. Ainda tenho no ouvido essa maneira afetuosa, como um quebranto: «Ó António José, queres ouvir uma história, filho, queres? Eu conto uma história para ti!» É a música do afeto, isso não esqueço nunca e talvez tenha sido esse o início ou o primeiro empurrãozinho ou estímulo para vir a ser o escritor que sou.

É por causa dessas memórias que muitas vezes escolhe recontar contos tradicionais em vez de histórias suas originais?

Comecei a escrever histórias tradicionais quando já tinha uma produção minha, autónoma, de histórias inventadas por mim. Comecei a juntá-las numa primeira coleção, «histórias tradicionais portuguesas

contadas de novo», ou seja, recontadas. Já outros antes de mim o tinham feito: António Botto, António Sérgio, Ana de Castro Osório, Maria Amália Vaz de Carvalho (vários de gerações lá mais para trás). Acho que se tinha perdido esse veio de comunicação de avós para netos, pais para filhos, tias para sobrinhos, e eu senti como que uma responsabilidade. Uma vez em que fui a uma escola perguntei se os miúdos conheciam a história d'«A velha da cabaça», por exemplo, d'«Os três pedidos» ou d'«O macaco do rabo cortado», que é um clássico, e os miúdos não conheciam. Os pais deles não lhas tinham contado e, como a família agora já não é tão alargada quanto dantes, eles já estavam longe dos avós que provavelmente saberiam ainda essas histórias. Então senti quase como missão recontar à minha maneira, dando uma grande volta nas histórias. Por exemplo, no caso d'«O macaco do rabo cortado» a versão tradicional diz que ele foi para Angola, mas o que é que ele vai lá fazer, porquê? Deixei uma volta muito grande, tínhamos já nessa altura entrado para o mercado comum, arranjei umas rimas que rimassem com Estrasburgo (o que era difícil), mandei-o (ao macaco) por essa Europa fora e a história mudou a partir daí.

O Veado Florido é um livro com uma história muito especial, em parte ligada às suas ilustradoras; queria perguntar-lhe se a pode contar?

Se posso contar a história? Gostava mais que a lessem, mas vou contar o tópico da história. Trago aqui a primeira edição do veado florido, que tinha ilustrações da Leonor Praça, uma senhora que inovou muito a ilustração do livro para crianças em Portugal e não teve tempo ou ocasião de prosseguir essa missão, porque entretanto teve uma doença muito grave e morreu. Morreu precisamente quando estava a ilustrar este meu livro, ainda não o tinha ilustrado todo, mas na editora conseguimos, com ampliações de um trecho ou outro das ilustrações, fazer com que o livro fosse todo ilustrado. Este livro foi editado, se não estou em erro, em 1972/73, portanto, vai fazer 40 anos. Nessa época não havia liberdade de opinião; eu tinha trabalhado nos jornais e tinha tido o desgosto de ver textos meus inteiros serem cortados pelo lápis azul, porque os jornais nessa época tinham, antes de vir a público, que passar pelo olhar atento de uns senhores sempre muito desconfiados, que eram os censores, era a censura. A censura tinha uma formação virada para o governo de então, que era um governo sem eleições, ditatorial – a censura, portanto, defendia esse governo. Tudo aquilo que fosse pôr em causa o governo salazarista desse tempo (anterior ao 25 de Abril de 1974) era rejeitado, posto de parte. Ora, para se continuar a evocar determinadas situações, teve de se usar recursos, como «escrever nas entrelinhas». Há as linhas com as palavras e há as entrelinhas, que são o intervalo entre as linhas. Claro que não se escreve nas entrelinhas, mas é uma maneira de dizer; escrevia-se por subentendidos. Esta história foi interpretada (e bem) como sendo uma história de apelo à liberdade. Os animais, no jardim de uma quinta de um senhor muito rico, viviam dentro de jaulas; eram animais esquisitos, desde crocodilos transparentes a veados floridos. As hastes dos veados são realmente como uma espécie de árvores e irresistivelmente nos lembram que podiam florir também. Um criado desse senhor puxou de uma rede, caçou o veado e levou-o vivo ao senhor. Mas quando o veado chegou à jaula, caíram-lhe as folhas e as flores que tinha nas hastes; ficou um veado igual aos outros, banal. Porquê? Aqui não diz porquê, mas nós fazemos uma ideia daquilo que terá sido: porque ele na floresta vivia à sua vontade, era feliz e cuidava de si, ao passo que, enjaulado, cuidavam dele, mas tinha o seu campo de ação muito limitado – só podia estar dentro da jaula, e ninguém gosta de estar engaiolado (ainda por cima não tendo culpa nenhuma disso...). A história vai-se desenvolvendo ao ponto de o senhor se enfastiar com aquele

veado que não merecia a pena mostrar às visitas porque era igual aos outros veados todos que por aí havia, e dá-lhe liberdade, enxota-o. Nessa altura, mal o veado sai da quinta do senhor e da jaula onde estava, descobre-se que começa de novo a florir. Quando se «enterra» pela floresta fora já está outra vez com as hastes cheias de folhas e de flores. O livro teve êxito numa época onde a produção literária para crianças não era muito extensa; em 1974 pertenceu à lista de honra do Prémio Hans Christian Andersen e fez a sua carreira. Muitos anos depois, porque se perderam as ilustrações originais, fiz outra edição (a que está agora no mercado) com ilustrações da Manuela Bacelar, grande ilustradora portuguesa que ganhou a maçã de ouro num festival de ilustração em Bratislava. Ela tem a maçã no meio do atelier dela; há um tempo, sem querer, até dei um pontapé na maçã, que estava no chão... É um Oscar mas da ilustração em literatura para crianças, e ela é muito descuidada com isso, o que acho muito interessante; a maçã não está num pedestal, anda por ali, é um pisa-papéis como outra maçã qualquer (não fosse de ouro...). A Manuela Bacelar teve a elegância e a humildade de fazer um livro que é uma espécie de «à maneira de» Leonor Praça. É como se fosse um livro da Leonor Praça, em que a Manuela Bacelar abdica do seu próprio estilo e faz o veado como se fosse a Leonor Praça a fazê-lo; ela encarna o seu estilo e características. Eu fico muito particularmente feliz, porque de outra maneira também não aceitaria que o livro tivesse outras ilustrações que não estas.

Noutros livros originais seus tem muitas histórias sobre reis, rainhas e princesas, como *O Rei-Menino* e *Histórias de Reis e Princesas*. Porque é que escreve tantas vezes sobre as personagens da realeza?

Lembro-me – estava eu a começar a escrever e a publicar – de no jornal onde eu trabalhava, o *Diário Popular*, um jornal vespertino (ou seja, saía à tarde), ter sido entrevistado um escritor que eu também muito aprecio, um escritor para crianças que já morreu há alguns anos e espero que não seja de todo em todo esquecido, o Ricardo Alberty. Quando lhe perguntaram quantas histórias tinha escrito, ele respondeu «Já escrevi cerca de mil histórias». Ele teria nessa altura a idade que eu tenho agora; eu tinha então 30 anos e disse: «Que exagerado, como é que se pode escrever mil histórias assim?», ou «Que blasonice!» Mas não, pode-se e eu sei-o agora! Afinal ele não foi um exagerado, ou então somos os dois... Agora que me diga que a minha produção tem reis e rainhas a mais... Sempre fizeram parte do universo do imaginário infantil as histórias de príncipes e princesas, de reis e rainhas. Lembro-me – trabalhava nessa altura na televisão – de fazer, para uns desenhos animados e um teatrinho de fantoches, umas histórias de reis e rainhas. Um colega meu da televisão que era monárquico disse-me: «Olha lá, tu não fazes bem, porque estás aqui a pôr em ridículo os reis, rainhas e princesas.» Respondi que não, que o universo mágico do tempo dos reis de antigamente, com aquelas vestes a arrastar pelo chão, os caudatários reais a segurar as vestimentas, os casamentos reais – que, nos livros escritos por mim, não são assim tão diferentes dos casamentos reais que fascinam o público de hoje, embasacam e fazem encher de rugas, porque os reis e rainhas de hoje ainda andam de coche nestas ocasiões... Acho que é um desafio aos poderes, independentemente daquilo que eles são, e também que são muito mais atraentes como ilustração; proporcionam ilustrações muito mais engraçadas que os presidentes da república (que não são modelos tão folclóricos quanto as princesas, os reis e as rainhas).

Porque é que é importante gostar de ler?

Para já porque estamos a viver num mundo de letras: tudo tem letras e legendas. A leitura é indissociável da nossa realidade quotidiana: nós, para estarmos informados, podemos ver televisão, o telejornal, mas

.....

para ficarmos mais profundamente informados temos de ler jornais. Para ficarmos ainda mais integrados nos temas que os jornais afluam, temos de ler livros – como quer que venham os livros, em papel ou noutra suporte, nada dispensará a leitura. Poder-se-á imaginar que o homem daqui para diante escreverá de outra maneira: escreverá e-mails, escreverá menos cartas (eu já quase não recebo cartas, mas sou muito fiel à escrita de bilhetes-postais e correspondo-me com alguns amigos mandando-lhes e recebendo deles bilhetes-postais escritos meticulosamente à mão). Posso também dizer que escrever e ler têm muito em comum. Para já, aprendemos a escrever e a ler ao mesmo tempo. Não quero transformar todos os leitores em escritores, mas quero aceitar que a escrita de relatórios, de teses até ao longo de uma carreira científica (e não necessariamente ligada às humanidades) exige uma clareza de ideias. Essa clareza de ideias aprende-se escrevendo e lendo. Portanto, nós precisamos, para bem pensar, de ter lido e escrito. Um escritor chamado Teixeira de Pascoaes, nascido em Amarante, grande poeta do século XX, num tempo em que já havia canetas de tinta permanente (que são anteriores às esferográficas) ainda escrevia com canetas de aparo. Os mais novos não sabem o que isso é: são umas canetinhas que têm um aparo na ponta, como tem a caneta de tinta permanente, mas em que é preciso ir molhando de vez em quando num tinteiro. Sei de quem tivesse aprendido as primeiras letras molhando de vez em quando o aparo num tinteirozinho, e às vezes fazendo enormes borrões no papel (havia também um mata-borrões, instrumentos que hoje em dia desapareceram). O Teixeira de Pascoaes dizia qualquer coisa assim: que ele precisava de escrever com caneta de aparo para ter tempo de pensar, porque se escrevesse com tinta permanente deixava ficar os pensamentos atrás – escrevia à frente do que pensava. Uma vez fui à casa-museu dele em Amarante; ele tinha uma secretariuzinha pequena (ele também era pequeno) e um tinteiro, e fazia assim: molhava o aparo no tinteiro, escrevia, escrevia; quando a tinta começava a desaparecer, parava com certeza (imagino), e escrevia mais um bocadinho. Assim a inspiração vinha aos soluços, segmentarmente, mas vinha. Ora, escrever, independentemente de ser com esferográfica ou teclando, também é isso: parar para pensar, ter, naquilo que se escreve, uma clareza de ideias e não fazer com que o leitor se canse para seguir a escrita de alguém que tem um pensar difícil, atormentado, tortuoso... Antes pelo contrário: nós, quando escrevemos para os mais novos, queremos que eles gostem daquilo que escrevemos. Não estamos a adular os leitores, mas estamos a levá-los pela mão e, como somos pessoas bem formadas, damos de nós o lado mais claro, cristalino, da nossa capacidade de ser. Queremos transmitir para as gerações seguintes alguns valores (não é moralidade) de sobrevivência, de justiça – valores que nos têm guiado ao longo da nossa vida. Escrevemos às vezes outras coisas (histórias com reis, com bichos...) tendo como fito não dar o pessimismo, a descrença e o desgosto que às vezes a vida nos proporciona, infelizmente, mas dar aos mais novos que nós, como damos aos nossos filhos e netos, aquilo que é mais luminoso na vida de cada um de nós. ■